

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Ayrton Barboni e Walter Paulette

Faculdade de Tecnologia de São Paulo

São Paulo/SP

2021

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História Oral de Vida

Entrevistadora: Rosemeiry de Castro Prado

Instituição: Fatec Ourinhos

Levantamento de dados preliminares da entrevista:

Encerradas as entrevistas na Fatec Ourinhos, instituição a qual pertence a pesquisadora, com a ajuda do professor Paulo Henriques Chixaro (um dos entrevistados da Fatec Ourinhos) – que contatou seus colegas na Fatec São Paulo –, outros professores de Matemática foram incluídos entre nossos depoentes, por atenderem aos critérios que havíamos adotado no percurso entre a elaboração do projeto de pesquisa e as três primeiras entrevistas realizadas: pretendíamos entrevistar professores com expressiva experiência docente nas Faculdades de Tecnologia do Estado de São Paulo, priorizando (a) professores de Matemática, (b) a atuação nas décadas de 1970, 1980 e 1990, e (c) um espaço (São Paulo e Ourinhos). Após conseguir, no Departamento de Ensino Geral da Fatec São Paulo, os telefones atuais de cada um dos depoentes que havíamos optado por convidar para participar da pesquisa, mensagens de e-mails também foram trocadas entre eles e o professor Chixaro, que atuou como mediador para agendar datas adequadas para a realização das entrevistas. Um primeiro encontro foi então marcado com os professores Walter Paulette, Ayrton Barboni e Jaques Vereta para uma quarta-feira, dia 16 de novembro de 2016, às 14h. Contudo, devido a problemas pessoais da pesquisadora e do professor Chixaro (que fez questão de acompanhá-la até São Paulo), a entrevista foi adiada para o dia 23 de novembro, também uma quarta-feira, e dela, além da pesquisadora e do professor Chixaro, participaram apenas os professores Walter e Ayrton, que fizeram questão de estarem juntos e, segundo eles, ajudarem mutuamente nos detalhes e lembranças revividas. A entrevista foi então realizada na “Sala da Matemática” da Fatec São Paulo e após o seu término, houve o retorno imediato para o interior do estado. Essa entrevista foi realizada para a tese de doutoramento “AS FACULDADES DE TECNOLOGIA DO ESTADO DE SÃO PAULO: um histórico da instituição e aspectos relativos ao ensino de Matemática nela praticado” na Unesp/Campus Bauru, em 2018¹.

¹ Consultar: http://www.memorias.cpsctec.com.br/publicacoes/dissertacao/prado_rc_dr_bauru.pdf

Elaboração do roteiro da pesquisa elaborado pela entrevistadora e pesquisadora:

Rosemeiry de Castro Prado

Local da entrevista: Fatec São Paulo – Avenida Tiradentes, 615 - Bom Retiro, São Paulo -SP.

Data: 23 de novembro de 2016

Técnico de gravação: Rosemeiry de Castro Prado

Duração: 51 minutos e 51 segundos

Número de vídeos: 01 (um)

Transcritora: Rosemeiry de Castro Prado

Número de páginas: 28

Sinopse da entrevista

Essa entrevista foi cedida pela entrevistadora para compor um volume dentro do projeto “História Oral na Educação: memórias do trabalho docente”, proposto para o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP), da Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza. Realizou-se entrevista com Ayrton Barboni e Walter Paulette, professores de Matemática da Fatec São Paulo, desde a década inicial da instituição. A entrevista com os professores foi conduzida pelas lembranças de uma amizade que nasceu em 1965, por causa da Matemática e das viagens de trem, perdurando até os dias de hoje. Quanto às atividades do professor de Matemática nos “tempos de chumbo”, há menção de que nada se falava de política em sala de aula. A Fatec não era considerada uma faculdade com cursos que pudessem ter caráter subversivo, como ocorria com os cursos de Ciências Humanas de outras instituições. Há também, na entrevista dos professores Walter e Ayrton, ao regime o relato quanto ao regime de contratação dos professores quando do início do Centro Paula Souza: os docentes eram indicados ou convidados, e a confiabilidade era originária de um outro docente ou funcionário da instituição que fazia a recomendação. A aprovação do departamento era formalizada após a análise legal dos documentos. Não havia apreciação de títulos ou prova didática para que uma comissão pudesse avaliar os candidatos. No caso dos professores, que viveram essa experiência em época de regime militar, houve a necessidade de apresentar atestado de bons

anteriores. A indicação, segundo eles, acabava por apoiar o crescimento da Fatec, porque os ingressantes se dedicavam com afinco à faculdade. Quanto aos alunos, os professores apontam a crescente “lacuna” quanto ao conhecimento matemático de hoje em relação àqueles anos iniciais da Fatec. Os alunos que ingressam atualmente nos cursos da instituição os obrigam a uma revisão contínua, acarretando mudanças dos programas e conteúdos e, mesmo a Matemática sendo uma ferramenta fundamental para as demais disciplinas dos cursos de tecnologias, sua teoria vem sendo suprimida cada vez mais ao longo dos anos.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 02 de dezembro de 2016

Nome da transcritora: Rosemeiry de Castro Prado

Rosemeiry de Castro Prado (RCP): Bom, professores, em primeiro lugar muito obrigada por vocês receberem a gente, e essa entrevista vai ser realizada no sentido de a gente coletar informações para a minha tese de doutorado da Unesp de Bauru. Eu trabalho com o professor Vicente Garnica, ele é meu orientador, a gente tem um grupo chamado GHOEM, de história da educação matemática, e neste grupo existe uma linha que trabalha com a formação de professores. E no caso, no meu caso, eu vou pesquisar, estou pesquisando para a minha tese, a formação de professores das faculdades de Tecnologia do Estado de São Paulo, as Fatecs, que atualmente pouco se sabe a respeito. Então a gente trabalha com a história oral como metodologia de pesquisa, nós coletamos informações via oral, nós gravamos, depois nós transcrevemos, e depois nós textualizamos. Feito isso eu entrego o texto para vocês, juntamente com uma carta de cessão para que vocês concordem com a publicação daquilo que está lá escrito e se torne uma fonte, porque uma das finalidades das entrevistas do nosso grupo, é que essas entrevistas se tornem fontes para outros pesquisadores e historiadores, tá? Então obrigada novamente. Eu queria em primeiro lugar que vocês fizessem uma apresentação da vida pessoal de vocês, cidade de nascimento, local que vocês nasceram, data de nascimento...

Walter Paulette (WP): Essa cidade sua existe?

RCP: Existe... (risos)

Ayrton Barboni (AB): Existe! A minha cidade é histórica. Depois eu conto a história dela para vocês, mas eu sou de Caconde né...

RCP: Caconde.

AB: Município de... foi registrado em Divinolândia que é uma cidade vizinha por facilidade né. É... mas vivi lá em Caconde a minha juventude toda, e vim para São Paulo com a ideia de fazer engenharia. Mas foi em 65, e as revoluções de 64, “tava” complicado emprego aqui em São Paulo né, eu não consegui, eu conheci o centro da cidade de São Paulo a pé, certo? Nem tinha noção do que era aquilo. Até que surgiu a oportunidade de eu lecionar, já que lá no interior tinha feito também o curso de Magistério, numa escola na periferia de São Paulo.

Foi uma sala de aula aberta depois de estar funcionando já o ano, já foi no final de abril, começo de maio. Então eles selecionaram alguns alunos de cada classe para montar a minha, e graças a Deus eles selecionaram os alunos, todos aqueles que não sabiam praticamente nada, e ficou ótimo porque ficou todo mundo no nível primário, na alfabetização. E aí eu comecei a brincar com eles né, com os jogos, para chamar a atenção, despertar. Aí eu consegui. Consegui a ponto de no final do ano eu ter, dos 28 alunos que me foram possibilitados, 23 aprovados pelo diretor, que fazia as provas na época. Então aquilo foi emocionante de ver, até hoje... (voz embargada) de ver aquelas crianças que eram rejeitadas, conseguir um local.

RCP: Quantos anos o senhor tinha na época?

AB: Eu tinha 22.

RCP: Vinte e dois anos.

AB: É, e a partir daí eu abortei a ideia de engenharia e fui ser professor. E o que estava mais relacionado comigo era Matemática. Então eu fui ser professor de matemática, e até agora investindo nisso.

RCP: Mas e sua faculdade?

AB: Ah eu fiz a Fundação Santo André.

RCP: Fundação Santo André.

AB: Numa época em que ela era uma das poucas escolas além da USP, do Mackenzie, e da PUC.

RCP: Licenciatura ou bacharelado?

AB: Eu fiz Bacharelado.

RCP: Bacharelado.

AB: Mas eu fiz Licenciatura também, em que eu saí com os dois diplomas né.

RCP: Com os dois.

AB: Licenciatura e depois bacharelado. E na verdade os professores, alguns professores, eram os mesmos que lecionavam na PUC, lecionavam comigo, e a gente morava no mesmo prédio, e aí trocava informações inclusive né, nessa época aí.

WP: Ficamos amigos no caminho, no trem.

AB: É porque eu ia para Santo André para fazer a faculdade e ele ia para lecionar, e no trem nós nos conhecemos e nos tornamos amigos, desde 65 até hoje, somos compadres certo? É isso aí.

RCP: E a faculdade então se realizou em 4 anos?

AB: Quatro anos.

RCP: Em que período?

AB: Período da manhã.

RCP: Manhã. O senhor se lembra o ano?

AB: O ano foi de 66 até 70, início de 70, é.

RCP: Certo. Aí feito isso o senhor foi para a graduação? Não, pós-graduação, desculpe.

AB: Eu fiz pós-graduação, mas antes disso eu fui trabalhar, eu estava casado e a vida força a gente a outras coisas né? Aí, quando eu passei, que ele me convidou né, eu vim para trabalhar aqui na Fatec em 77, e então em 78 eu iniciei na PUC o curso de Mestrado, e quando foi em 83 eu defendi a tese de mestrado. Em matemática era...

WP: A Érica...

AB: A professora Érica né, e a área era Geometria Ortogonal, foi a minha dissertação.

RCP: Não era Educação Matemática na época?

AB: Não, era matemática mesmo, pura né.

RCP: Acho que nem tem mais hoje né. Hoje é Educação Matemática.

AB: Não, não tem mais. Isso eles fecharam esse... essa parte aí

RCP: Certo, e o senhor também deu aula em cursinho?

AB: Dei aula em cursinho. Cursinho fui convidado pelo Walter também outra vez, e aí então nós trabalhamos até 71 né, se não me engano.

WP: Mais. Acho nós fomos até 73.

AB: Setenta e três? Mas eu deixei um ano antes né, que vocês lá...

WP: É, isso.

AB: É. Então até 72 eu fiquei lá.

RCP: E sua chegada à Fatec?

AB: A minha chegada à Fatec foi por culpa dele, certo? (risos)

RCP: Foi culpado!

AB: E aí então eu fiquei 77 até 96, em março mais ou menos, não me lembro, não recordo a data, de 1996. Aí por força de aposentadoria né, tive que sair e aí fui lecionar em outras faculdades aí.

RCP: O senhor já chegou com concurso, realizou concurso?

AB: Aqui na primeira época, na primeira leva né, quando eu vim para cá não existia concurso, então era convidado.

RCP: Convidado.

AB: Então eu fui convidado...

WP: Passava pelo departamento. A aprovação era pelo departamento.

AB: Então era avaliada a qualificação e tudo mais né.

RCP: Eu achava que esse convidado seria só para as áreas técnicas, a área de Matemática as outras áreas afins que não, que deveria ser...

AB: Não, era tudo convidado, mesmo porque a escola não tinha... não tinha nada quase né estava começando né, estava iniciando.

WP: Acho que na época era só esse prédio.

AB: É, os outros prédios nem existiam. Aqueles prédios lá que foram construídos.

WP: Agora isso eu acho que foi até 82 por aí, depois começaram os concursos né, em 86 eu já fui concursado.

AB: Já foi concursado, é isso mesmo, aí começaram.

RCP: Eu acho até que por conta já de fazer aquele vínculo com a Unesp, né professor?

WP: Com a Unesp isso foi 76. O vínculo com a Unesp foi em 76.

RCP: Paulo Landin também... acho que colocou um pouco a filosofia... mudou um pouco a filosofia da Fatec.

AB: Depois que eu saí, eu fiquei esses tempos todos fora né, quando foi em 2008 teve um concurso aqui, eu prestei o concurso, fui aprovado novamente, e aí quando eu fui em 2009, fevereiro de 2009, eu comecei novamente a trabalhar na Fatec.

RCP: E na Fatec quais funções e cargos o senhor ocupou nesse período?

AB: Nesse período de coordenador da área de Matemática.

RCP: O atual?

AB: O atual.

RCP: O atual. E a primeira fase de Fatec?

AB: A primeira fase eu coordenei uma época, outro coordenou outra época, mas o coordenador geral mesmo da área, era o professor...

WP: Eu lembro que era o Jaques.

AB: Não, aqui, estou falando a anterior, foi algum outro, aquele que morreu lá o...

WP: Aníbal?

AB: O Aníbal cara...

WP: Ah, na época em que você fez o concurso lá.

AB: É, na primeira época era o Aníbal que estava lá.

RCP: Então a primeira vez, o ano de admissão foi em 1977.

AB: Setenta e sete, 22 de setembro.

RCP: Vinte e dois de setembro. Quando o senhor chegou professor [Chixaro](#)?

PHC: Eu? Em novembro de 86.

RCP: Em novembro de 86. E o senhor se lembra das turmas? Das disciplinas que senhor deu nas turmas?

AB: É, cálculo I e cálculo II.

RCP: Cálculo I e cálculo II.

AB: Agora as turmas eu não me lembro.

RCP: Não, não... cálculo I e cálculo II. E o regime de contratação?

AB: CLT.

RCP: Sempre CLT.

AB: Sempre CLT.

RCP: Sempre CLT. Para ingressar então na Fatec, vocês já falaram que na época de vocês seria passar pelo departamento né, analisava currículo...

WP: Na verdade na área dos matemáticos era apresentado um nome e quem era a pessoa, então no caso eu apresentei, eu falei aqui está o Ayrton assim, está precisando de professor, aí verificaram a qualificação dele, se ele tinha condições ou não

RCP: Por meio de alguma aula expositiva, alguma aula didática?

WP: Não, era tudo documentação.

RCP: Documentação, aspecto legal mesmo?

WP: Isso. E era assim mais na base da confiança mesmo né. Eu confio que ele é um bom professor.

AB: E olha foi uma época muito boa porque as pessoas apresentavam, como eu apresentei, realmente pessoas que tinham capacidade, qualificação, e vontade de trabalhar, hoje se faz concursos...

WP: Tinha mais sucesso nessa época se trazer o conhecido, do que o concurso que vem qualquer um...

RCP: Do que o concurso hoje...

PHC: A intenção né Walter, eu acho que na época era você fazer a Fatec crescer, ser cada vez melhor, era um orgulho né, então o pessoal procurava os amigos que fossem pessoas competentes.

AB: Competentes e que realmente vestiam a camisa da instituição. É o que a gente fez.

RCP: Então juntando esse tempo de serviço da Fatec já tem?

AB: Xiii... agora precisa somar hein (Risos)

AB: De Fatec é uns 26, 27 anos por aí.

RCP: E ao longo desse tempo lecionando matemática, o que que o senhor percebeu em relação as turmas que chegavam, que chegam, ao conteúdo...

AB: Decresceu muito em termos de conhecimento pessoal que chegou, mesmo o pessoal que vai terminando a faculdade né, você precisa de um esforço muito grande para eles terem, vamos dizer assim, capacidade mesmo de prosseguir né.

RCP: E a ideia da matemática dentro dos cursos da Fatec sempre foi uma ferramenta?

AB: Sempre foi.

RCP: Sempre foi uma ferramenta, mas o interessante desse departamento de Matemática né da Fatec São Paulo, o que diferencia das outras...

AB: Não é departamento, é área de matemática dentro do departamento de ensino geral.

AB: Então nós temos aqui a Física né, tem português, tem a parte de línguas, é o ensino geral. Então tem várias áreas dentro do ensino geral.

PHC: Só não estão do ensino geral as disciplinas profissionalizantes.

RCP: Sim.

PHC: Então essas estão todas fora. Agora o resto faz parte do Ensino Geral, desse departamento, desse grande departamento.

AB: Se bem que agora está sendo criado aqui cursos de materiais, tem o de eletrônica... eletrônica não, de materiais elétricos né...

WP: Que "tá" ficando dentro do Departamento de Ensino Geral.

AB: Que está ficando dentro do departamento de ensino geral.

PHC: Anh... dentro... totalmente dentro do departamento...

AB: Então acho que são esses dois né, que tem agora?

WP: Isso.

RCP: Eu achei muito interessante quando o senhor começou a falar, que o senhor citou a momento a respeito do momento histórico né, do momento histórico que o Brasil vivia né...

AB: Sim.

RCP: Da repressão e tudo mais né, e na área de matemática isso foi sentido aqui também dentro da Fatec? Porque a gente sabe que na área de História, Sociologia, os professores sofreram muito né, vigilância...

AB: É que a Fatec começou em torno de 70, 71, e a revolução já, vamos dizer, aquela crise da revolução, financeira e tudo mais, já tinha passado né, já estava... vamos dizer... assim a coisa prosseguindo.

WP: Mas a gente não falava nada de política na sala de aula. Não se comentava a nada.

AB: A Fatec não era considerada um ambiente hostil...

RCP: Subversivos como os militares diziam. É... como a USP, a própria PUC...

PHC: É, subversivo entre aspas, como os cursos de humanas. Então, porque a Politécnica por exemplo nunca se envolveu, quer dizer, mas era mais o pessoal de humanas né, a própria PUC, o pessoal de humanas era...

RCP: Sim.

WP: Isso mesmo.

PHC: E a Fatec não tinha isso

WP: Nós não temos esse problema, nunca houve.

PHC: Agora o Ayrton falou do início dele, agora o Walter é normalista.

WP: Também, também. Me formei Professor primário pelo seguinte, o salário de professor primário que eram 4 horas, que eu dava de manhã, eu acho que corresponda no mínimo uns R\$ 2.000,00 hoje. Se eu tivesse feito lá o científico na época, na época tinha científico, o clássico, e o normal, se eu viesse para o científico que seria o ideal, eu teria que trabalhar num banco. No banco 6 horas por dia, e o valor deveria ser no máximo uns R\$ 800,00 hoje, era muito pouco dinheiro que o banco pagava e tinha 6 horas de trabalho. O professor primário tinha um bom salário e 4 horas só de trabalho por dia, então por isso eu preferi fazer isso. E aí eu fazia um cursinho.

RCP: O senhor é natural de onde?

WP: Botucatu.

RCP: Botucatu, perto da gente ali.

WP: Você passa lá em frente da minha chácara quando você passa lá.

RCP: Verdade? A gente vai parar lá né professor? (risos)

AB: A delícia!

WP: Se vocês quiserem aproveitar e dormir um dia lá, pode dormir lá.

RCP: Ai que bom!

WP: Tem caseiro lá, ele atende vocês.

RCP: Então natural de Botucatu, fez o Normal em Botucatu?

WP: Isso, vim para cá...

RCP: Veio para São Paulo...

WP: Passei a lecionar no ensino primário, quarto ano primário, dava aula de manhã, e à tarde fazia cursinho.

RCP: O senhor se recorda a data que o senhor chegou aqui em São Paulo?

WP: Eu cheguei em 64.

RCP: Bem na época que explodiu a revolução.

WP: No Dia da Revolução, no dia 31 de março, eu estava indo para dar aula quando eu leio os jornais que estavam no jornaleiro, “tava” eu e mais três colegas, eu falei eu não vou para a escola não, eu vou daqui a pouco para o trem, para tudo, e a gente não consegue voltar para casa. Aí eu voltei para casa, eu tinha um radinho que eu ficava ouvindo então as notícias, e eu não fui não dar aula naquele dia.

RCP: Caramba!

WP: Foi exatamente assim.

RCP: O senhor dava aula em que local?

WP: Santo André.

RCP: Santo André...

WP: Santo André. Tinha que pegar o trem para chegar em Santo André.

RCP: Aí depois dessa... O senhor ficou quanto tempo dando aula no ensino básico?

WP: Eu fiquei mais porque quando eu estava já no segundo ano dando aula, eu já prestei o concurso, aí eu passei a ser efetivo já, de 67 já era professor efetivo no primário, só que aí eu me efetivei aqui na zona norte.

RCP: Certo, veio para São Paulo.

WP: Isso, mudei para cá. Lá eu fiquei 3 anos dando aula em Santo André, depois mudei para cá. Mas aí eu já estava cursando, já estava fazendo a faculdade e dava aula no primário.

RCP: O senhor fez faculdade em que local?

WP: Fiz PUC.

RCP: PUC. Na Monte Alegre?

WP: Na Monte Alegre, isso.

RCP: Eu também fiz lá.

WP: Então, eu estava comentando com os professores... Porque um professor por exemplo de Cálculo, ele dava aula de cálculo para ele, cálculo para mim, cálculo no Mackenzie, cálculo... por que quantas aulas eles tinham? Tinham poucas aulas os professores, tinha poucas faculdades para lecionar, portanto os professores que circulavam nessas faculdades eram bem conhecidos, nós conhecíamos todas as deficiências deles por exemplo. Mas aí em 69 nós tivemos problema de novo de greve nas faculdades. Quando ocorreu a greve nós ficamos o mês de agosto e setembro de greve, os alunos né? Era um projeto do governo e tal. Nesse instante, dois meses sem aula, na maioria das salas nós perdemos o curso, fomos todos reprovados, com algumas exceções. Alguns professores disseram assim não, vocês vêm fazer a prova se passar tudo bem, eu abono as faltas de vocês. Então no dia 20 de

setembro de 69, eu e mais três colegas resolvemos então montar um cursinho, porque a gente não tinha nada o que fazer. Não tinha aula, tava tudo em greve. Então montamos um cursinho, curso auxiliar de matemática, que depois eu levei o Ayrton para dar aula, o Chixaro para dar aula no cursinho, aí demos aula em 69 e 70, no de 70 já tinha 1100 alunos o cursinho.

RCP: Que é o Diágoras?

PHC: Diágoras.

WP: Isso, chamava de início chamava curso auxiliar de matemática, lá na época era curso auxiliar para quem fazia o ginásio da época, o colegial da época...

RCP: Exame de admissão?

WP: Cálculo, isso... não, admissão não.

WP: Cálculo também tinha. A primeira turma de cálculo que nós demos aula tinha 62 alunos, e eu estava fazendo o terceiro ano de matemática. Não sei se você chegou a dar aula também de cálculo...

AB: Não cheguei a dar... de cálculo não.

WP: Então cada um dava uma parte da matéria. Quer dizer, o cursinho começou assim muito forte, muito forte, depois nós montamos também física... física, depois nós colocamos química, depois física, química, vestibulares... Na dureza, e virou todo esse conglomerado, mas nós tínhamos dois prédios, um prédio com três andares e mais outro prédio com mais um andar.

RCP: Que é lá na liberdade.

AB: Que é na Rua dos Estudantes. Esse maior é na Rua dos Estudantes.

WP: Esquina com a Rua da Glória. Mas aí em 74 aqui nós já tínhamos um professor nosso do cursinho, que chamava Santos (ininteligível) que já dava aula aqui, e aí ele nos trouxe para cá. Eu falei chega de cursinho, vamos dar aula em faculdade, porque cursinho é uma porcaria, é muito ruim.

RCP: Também sob o mesmo regime de contratação?

WP: Isso, exatamente o mesmo regime. Tudo CLT...

RCP: CLT.

WP: Isso mesmo convidado.

RCP: Convidado.

WP: Tudo professor convidado.

AB: Apesar que esse pessoal que veio antes de 76, como ainda não tinha o vínculo com a Unesp, então esse pessoal acabou sendo um regime que ficou meio estranho, até teve processos depois e tal por causa das aposentadorias, porque a aposentadoria do pessoal da Unesp era total né, quer dizer eram autárquicos. Então teve uns rolos, só se estabeleceu isso corretamente, vamos dizer assim, de 76 em diante que foi quando houve esse vínculo, então nós passamos a ser Unesp, quer dizer, passamos a ficar pendurados na Unesp,

respondíamos à congregação da Unesp, o reitor da Unesp que assinava os diplomas, então ficou realmente vinculado.

RCP: E vocês chegaram com... como o senhor disse a grade a carga horária era pequena né, por isso que tinha que pegar aula em vários lugares?

AB: Isso não é bem assim...

WP: Isso eram os nossos professores. Os nossos professores das faculdades, como aqueles de Santo André, eles perambulavam pelas 3. Eles davam aula nas 3.

RCP: E vocês aqui?

WP: Não, nós aqui não. Já comecei aqui com 16 horas-aula.

RCP: Dezesseis?

WP: Dezesseis horas-aula.

AB: Eu vim para cá para pegar 8 aulas né Walter, depois na segunda conversa que eu estive não... era 16, aí na terceira quando eu pedi para sair lá do local onde eu trabalhava para vir para cá eram 36.

RCP: Trinta e seis!

AB: Aí tudo bem né...

AB: Na época o professor era hora aula mesmo, quer dizer também não tinha...

RCP: Não tinha hora-atividade...

AB: Não tinha essa coisa de hora-atividade, isso foi depois.

WP: O 2 por 1 veio depois.

AB: O 2 por 1 veio depois.

RCP: E vocês trabalhavam com projetos? Tinha algum incentivo à pesquisa?

AB: Não.

WP: Não.

AB: Até porque não se exigia mestrado e doutorado, não tinha, era realmente a ideia era formar tecnólogos, formar pessoas para o mercado de trabalho o mais rápido possível, tanto é que os cursos eram de dois anos né Walter?

WP: Olha me parece, posso estar errado, mas é assim, em 69 quando foi construída a escola, ela... o governador mandou uma lei para a Assembleia para criar as tecnologias. Mas lá eles não aceitaram. Então o Roberto Costa de Sodré, ele impôs a faculdade. A ideia inicial era que assim, curso de Mecânica: 6 meses de Mecânica de Automóvel, mecânica de não sei o quê, eletricidade, entendeu? Eram cursos assim tipo 6 meses, e dava um certificado para a pessoa. Aí o que eles fizeram, quando começou tudo isso eles trouxeram para cá professores de altíssimo nível. Trouxeram para nós aqui da matemática um cara chamado Aníbal Calado, olha se juntasse toda a nossa inteligência não dava metade dele de tão inteligente que ele

era, ele era espetacular, um outro chamado Balearic na área de eletricidade, outro chamado Thor Johnson que era em física, todo o pessoal da Poli, todo esse pessoal da Poli que vieram para cá e eles então aí modificaram tudo. Aí passou a ser... era de quatro em quatro meses o curso inicialmente, era quadrimestral, nós tínhamos três vestibulares durante o ano.

RCP: Com uma semana de férias.

WP: E aí eles montaram o curso, as 1800 horas assim. A matemática lá tem cálculo I chamava métodos de cálculo. Nós inclusive dávamos aula e a gente fazia provinha todos os dias. Você dava aula, quando chegava 15 minutos para terminar a aula, você dava uma questão para os alunos, ia pegando aquelas questões e somando. Chegávamos a ter no quadrimestre 12 provinhas, que era Métodos de Cálculo. Nós não temos obrigação de fazer demonstrações lúdicas, era só mais operações. Depois desse curso quadrimestral que era muito tumultuado, muito difícil fazer vestibular e tudo isso, aí virou o semestral. Mas aí continuou com aquela carga horária de 1800 horas, e aí já ficou mais arrumadinho o curso. Isso foi... aí eu comecei em 73, em 74 começou o curso de Processamento de Dados. Quando começou o Processamento de Dados era o único lugar que tinha no estado de São Paulo um curso de Processamento de Dados, que era par grandes computadores. Nós tínhamos aqui um Borroughs lá embaixo que pegava a sala inteira.

RCP: Então quer dizer que esse curso de processamento de dados de vocês ele é o pioneiro, ele veio antes do que o curso lá da Unesp de Bauru.

WP: Ah sim.

PHC: Antes da antiga FEI.

RCP: Da antiga FEI, da antiga FEI.

WP: Começou em 74 o curso aqui. Quem veio montar esse curso era uma moça que trabalhava na IBM que se chamava Íris se não me engano, ou Isis um dos dois. Ela veio para cá, ela que preparou o programa do curso, quais eram as disciplinas, como que tinha que ser. Aí foi aprovado no departamento, aí foi aprovado na congregação, aí foi transformado em curso. Só que o curso tinha uma concorrência monstruosa, nós chegamos a ter 55 candidatos por cada vaga.

PHC: O pessoal terminava a Poli e vinha fazer PD.

RCP: E vinha fazer o PD.

WP: Alunos da própria Poli. Chegou a ter numa sala 20 alunos da Poli no noturno, dos 60 alunos entrantes tinha 20 alunos da Poli.

PHC: Isso porque esse curso de PD ele era voltado para computadores de grande porte, e as empresas tipo os grandes bancos, a IBM, esse pessoal não tinha funcionários. A Serpro tinha uma dificuldade violenta de contratar funcionário para computadores de grande porte. Então nós chegamos a ter aqui por exemplo, o professor Oswaldo, o professor Oswaldo hoje ele é diretor de todo o Processamento de Dados, hoje né, do grupo Itaú só para você ter uma ideia do peso da pessoa.

WP: Os nossos alunos que saíram daqui, olha uma vez eu fui almoçar lá no...

PHC: Tem salários melhor do que o nosso.

WP: É isso.

PHC: Com certeza.

WP: Uma vez fomos lá no banco Itaú, meu... eu encontrei os 20 ou 30 alunos lá dentro.

PHC: O Oswaldo levava todo mundo pra lá.

RCP: Isso deve ter gerado um certo ciúmes com o pessoal da engenharia... os engenheiros?

PHC: Eu nunca me preocupei com isso...

WP: Não cheguei a perceber essas coisas.

RCP: Não porque a gente sempre, pelo menos lendo, estudando, pesquisando né... eu ouvi falar bastante da questão que se precisava do Engenheiro de Produção, e do Engenheiro de Execução. Então que na época até houve a intenção ao invés de colocar Tecnólogo, colocar engenheiro de execução, que é o momento que o Brasil tava lá se desenvolvendo muito, parque Industrial lá de Sorocaba na década de 69, que se precisou muito né de trabalhadores num curto prazo, e também as ideias dos professores que foram para fora do país e tiveram contato com as faculdades de tecnologia e trouxeram os modelos para cá.

PHC: Isso que você está falando Rose, ele tem mais a ver quando... então... ele tem mais a ver com os cursos que tinham concorrência do CREA principalmente, o CREA né não gostava dessa ideia de que o nosso tecnólogo pudesse assinar uma planta, pudesse... então havia esse...

AB: Limitava as possibilidades. Eles tinham 20 possibilidades o tecnólogo 11 no máximo. Possibilidade de assinar esses documentos.

PHC: Isso gerava realmente uma certa ciúmeira. Mas não acontecia isso com TI por quê? Porque não existia a formação de bacharel em TI, é recente o bacharel em TI é coisa nova.

RCP: Então anterior a esses bacharéis, quem formava o pessoal de TI era a própria IBM, as próprias empresas de computação?

PHC: Isso as próprias empresas. Eu mesmo fiz o curso de TI, por isso é que eu não vim para a Fatec quando eles vieram, porque eu entrei na área de TI via Serpro. O Serpro lançou um comunicado, precisamos de gente que queira ser programador de computador. E a Serpro deu lá na cidade de Deus, lá em Osasco, deu o curso de graça, 8 horas por dia, pagava condução, pagava tudo, e eu fiz o curso lá durante um ano de graça né. E aí saí de lá, saí empregado. Tava todo mundo querendo esse tipo de mão de obra

RCP: Aí esse pessoal então vem para a Fatec, a Fatec com os cursos de TI, e aí então vocês vão trabalhar com as turmas com matemática?

WP: Sim, isso mesmo.

RCP: Com as matemáticas vamos dizer assim. E o que vocês sentiram em relação a grade curricular, o currículo que era destinado para esses cursos?

WP: Bom, eu acho que na época estava bem adequado, porque essa moça que veio daí... na verdade me parece que a própria IBM é que forçou a barra com o governo e falou ó, eu não tenho que ficar preparando ninguém, vocês "a universidade" é que tem que dar esse curso. Então ela veio aqui como funcionária da IBM para montar o curso pra gente, ela ficava na outra salinha que está aqui do lado. A gente tinha contato com ela, ela preparou o modelo

inteirinho, o programa, tudo isso, e olha, o curso foi que foi muito bem, foi um sucesso monstruoso.

RCP: E o senhor deu aula de Cálculo?

WP: Desde o início eu dei aula para esses cursos.

RCP: Cálculo, matemática...

WP: Isso dava aula de Matemática I, Matemática II, e dei Estatística também para eles.

RCP: E a matemática I o senhor se recorda do conteúdo que era abordado?

WP: O conteúdo era bem mais pesado do que esse de cálculo comum, nós tínhamos na matemática I, nós tínhamos todo o cálculo I de hoje, mais integrais, mais cálculo de áreas só, alguns tópicos não, por exemplo cálculo de volume, alguma coisa a gente deixava do lado. Aí na matemática II vinha a teoria de séries, vinha todo o conceito das variáveis, integrais duplas...

PHC: Chegava até um pouquinho acho de equações diferenciais, não tinha?

WP: Equações diferenciais, isso.

AB: Não, tinha mesmo equações diferenciais.

WP: Porque para os alunos comuns tinha assim o Cálculo I, Cálculo II, e o Cálculo III era equações diferenciais no começo, e depois ele mesclou com a outra parte, e aí sumiu.

RCP: Isso então nessa época já era semestral ou era o...

WP: Já era semestral.

RCP: Já era semestral. Então cada semestre uma quantidade enorme de matéria.

WP: Isso. O bom é que o nível dos alunos de todos os cursos era muito bom, então permitia que a gente exigisse. Eu tenho na minha casa todas as provas que eu dei na minha vida. Eu deixo sempre a folha de fora com gabarito do enunciado, então agora eu vejo muito bem que as questões que eu dava lá, eu olho agora eu falo meu Deus do céu, eu fazia isso? Agora eu não posso fazer, mas de jeito nenhum.

RCP: E a retenção era grande em Cálculo? Nas matérias...

WP: A retenção era grande, mas não era tanto quanto hoje.

AB: Hoje dá muita evasão.

RCP: Evasão né? Retenção, evasão...

WP: Em Processamento de Dados não, passava muita gente. Muita gente porque eles eram de muito bom nível.

RCP: É por causa da concorrência também, 50...

PHC: É que ele vinha focado. Ele queria terminar o curso o mais rápido possível porque o mercado de trabalho estava ali, pedindo, absorvendo rápido, entendeu?

WP: É, foi isso que aconteceu mesmo. E nós usamos um artifício, vestibulares. A gente pensava assim, bom, já que nós temos bastante candidatos para cada vaga, em vez de nós fazermos provinhas simples, porque se ela for simples eles passam, os bons passam, se for difícil os bons também passam, então nós fazemos provinhas muito bem elaboradas, difíceis, que nós ficamos famosos nos vestibulares. No dia de vestibular aqui vinha até a Bandeirantes fazer entrevista com a gente aqui, para você ter uma noção de como a gente ficou famoso aqui.

RCP: Nossa!

WP: É porque não tinha escola né. Só tínhamos nós aqui né, no metrô, na porta do metrô...

PHC: A gente só perdia para o ITA, que era pior.

WP: É, acho que é isso mesmo. Ah, existia.... você não vai acreditar nisso, a revistinha Playboy tinha...

RCP: A revistinha... (risos)

WP: Playboy tinha em cada ano uma taça ofertada, um desenho que era uma taça, ofertada para a escola, que eles consideravam que estava em melhor qualidade, nós aparecemos lá duas vezes.

AB: Você tem a...

WP: Eu não tenho a revista...

(risos de todos)

WP: Eu não tenho a revista, mas podia consultar... (risos)

PHC: Então pode consultar lá viu... (risos)

RCP: Só se for no site... (risos)

WP: Olha dá pra imaginar aquela taça toda branquinha assim a taça e embaixo assim, Faculdade de Tecnologia de São Paulo, era bem isso essa taça. Parabéns e tal...

(risos de todos)

RCP: E aí o senhor foi fazer mestrado?

WP: Isso, fiz mestrado. Só que tive um probleminha danado, quando eu estava com 80% da minha tese de mestrado pronta, a professora orientadora, que foi dele é minha também, ela ficou grávida e voltou para a Suíça, porque ela dizia que lá na Suíça não pagava nada, tinha os pais para ajudar e tudo bem, só que o nenê teve infecção hospitalar. Ficou lá seis meses no hospital, três anos depois ela pediu demissão, eu perdi todos esses três anos. Aí voltei de novo, só que em vez de eu voltar para Geometria que era o que eu queria, eu fiz em Álgebra. Eu fiz chamada assim teoria dos grupos em álgebra, grupos de caracteres de grupos finitos, caracteres de grupos finitos de um autor chamado Jean-Pierre Serre. Que é um maluco. Muito, muito, complicado. Bom, terminado isso daí, depois de uns 10 anos aí eu fiz o doutorado na UNESP de Rio Claro.

RCP: Ah, na UNESP de Rio Claro...

WP: De Rio Claro isso. Isso em 2003 eu doutorei lá na Unesp de Rio Claro.

RCP: Pegou o Irineu Bicudo, a Sônia...

WP: Isso toda aquela turma do (ininteligível).

RCP: Eu conheci o Bicudo, o pessoal lá...

WP: Isso a dona Lourdes é que foi minha orientadora nessa sequência.

RCP: A Lourdes não, acho que não.

WP: Fantástica a Dona Lourdes, ela era aposentada da USP de São Carlos e ajudava a gente ali

RCP: Mas o senhor fez o mestrado e o doutorado porque quis, não por uma exigência do centro?

AB: Não, porque nós queríamos evoluir.

RCP: Mas então tinha esse incentivo no sentido de plano de carreira, de evolução, alguma coisa agregada?

WP: Não, não.

RCP: Nada, nada, nada né?

AB: Quando ele fez o doutorado ele nem estava mais aqui, ele estava lecionando numa faculdade particular. E eu quando fiz, também naquela época, não existia a pontuação lá, eu fiz para crescer mesmo profissionalmente.

WP: É verdade.

RCP: Profissionalmente, porque não havia mesmo incentivo do centro nesse sentido né?

WP: Foi uma turma, toda a matemática que você cita nessas referências aqui, todo mundo, fizemos lá, um ou outro que não.

RCP: Foi por vontade própria. E vocês não foram para a Alemanha como o professor?

WP: Não. Alemanha não porque era passeio!

(risos de todos)

RCP: Ou França como a professora Vera?

WP: É claro que é brincadeira né. O Chixaro foi lá e ficou 6 meses lá, 6 meses né?

PHC: Oito.

WP: A Vera e uma turminha toda.

RCP: E nesse meio de tempo, quanto tempo faz que o senhor está aqui na Fatec?

WP: Eu comecei em 73 e fui até 93, aí me aposentei, aí eu saí e entrei em 2009 também, então acho que então você entrou...

PHC: É.

WP: Aí em 2009, o que aconteceu em 2009? Me mandaram embora né? Acho que me mandaram embora porque eu completei 70 anos.

PHC: A é verdade.

AB: Você saiu na expulsória.

WP: Exato me expulsaram.

AB: Setenta anos você é obrigado a parar.

PHC: É tinha isso, agora não tem mais.

WP: Agora não tem mais por que é INSS, não tem essa lei para eles lá. Aí esses sujeitinhos aqui me perturbaram de novo, me fizeram voltar ainda. Eu voltei acho que faz uns três ou quatro anos agora de novo. Mas a escola foi muito boazinha para mim aqui né. Eu entrei e já me classificaram como doutor, tô lá no três e tô na letra m.

PHC: Não tem mais o que avançar.

WP: Não, não. Já estou no fim de carreira de novo.

(risos de todos)

WP: Mas é que os meus amigos ficam me dando muitas aulas, eu dou aula também na Fundação Getúlio Vargas, mas eu quero sair. Lá eles pagam muito, muito bem. Vou falar baixinho para não escutarem, eu ganho R\$ 142,00 por hora aula.

PHC: Olha só...

WP: Mas o problema meu é distância. Eu escrevi livros para eles lá e tudo né. Eu saio da minha casa e vou lá, eu não consigo chegar em menos de uma hora e meia, tá desanimador. Estou desde 2002 lá, eu sou... existem dois titulares lá, e eu sou um deles, sou professor titular lá... Mas eu estou vendo que eu vou ter que pedir para sair porque não dá, porque os alunos lá também estão caindo o nível.

PHC: Está caindo também.

WP: Para os alunos nossos aqui é uma delícia dar aula. Nossos alunos são espetaculares.

AB: Respeitosos.

WP: Eu nunca chamei a atenção de nenhum aluno nesses 4 anos que eu estou de volta aqui. Lá eu tenho que bater neles para eles ficarem quietos. Eles ficam com o celular, computador, é tudo displicente, não querem saber de nada, e pagam R\$ 1.500,00, R\$ 2.000,00 por mês. Agora aqui não, aqui são bastante respeitosos, participam bastante, tem interesse, lutam para aprender mesmo.

RCP: Vocês acompanharam todo esse processo de expansão das Fatecs né? A princípio começou até modestamente, vamos dizer assim, umas 8 até um determinado momento...

WP: Ourinhos foi uma delas né, no começo.

RCP: Aí Ourinhos, Jaú...

PHC: Não, Jaú veio um pouquinho antes de Ourinhos, Sorocaba é a segunda.

WP: Não, Jaú tava antes, Sorocaba é a segunda.

RCP: Há uma... é uma questão de quem foi a primeira aí né, entre Sorocaba e São Paulo né?

PHC: Não, Sorocaba é o princípio, foi a primeira.

RCP: Por que ainda tem a questão do centro né? Se instalou o centro em primeiro lugar mas não a Fatec né, aí foi para Sorocaba por causa do parque industrial, que lá estava tendo perspectiva mesmo da indústria automobilística que precisava de pessoal, e esse pessoal precisava de imediato.

PHC: E esse centro, se você chamar esse centro de Fatec, então Sorocaba foi a primeira.

RCP: Foi a primeira faculdade né?

PHC: É, isto.

RCP: A faculdade no caso. Mas e como vocês então poderiam dizer a respeito dessa trajetória enquanto professores de matemática na instituição?

WP: Olha, eu acho o seguinte, que o nosso grupo de matemáticos, acho que nós somos um pouquinho fanáticos pela matemática sabe? Porque a gente vibra demais e participa demais, tem diálogo bastante. Então nessa época em que os alunos eram muito bons, eu passava a tarde inteira inventando exercícios para as provas, e os alunos eram bons e faziam provas bem puxadas sabe, e todo mundo tirava 10, então eu esperava mais, eu podia fazer várias demonstrações, era um curso mais bem dado, mais bem aceito inclusive, porque eles conseguiram acompanhar. Hoje o monte de coisas que eu fazia eu não posso fazer não, eu não posso fazer.

RCP: Vocês usam as mesmas referências de livros hoje?

WP: Não, agora referência de livro é o nosso livro.

PHC: É o nosso. Também né...

(risos de todos)

RCP: Que chique!

WP: O nosso livro inclusive está muito chique, está sendo adotado pelo ITA.

RCP: Nossa, parabéns!

AB: Cálculo I. Nós estávamos aqui nessa sala mesmo quando um desses pessoas que faz propaganda aí, representante né, espontaneamente nos disse olha, eu estive lá e esse livro de vocês está sendo utilizado lá.

PHC: Olha que legal.

RCP: Que Maravilha!

AB: Isso me encheu de alegria né, orgulho!

RCP: Com certeza.

PHC: Orgulho mesmo né, satisfação.

RCP: Até pelo que eu percebo a Fatec aqui em São Paulo ela é uma referência né.

PHC: Com certeza, sempre foi.

RCP: Sempre foi uma referência, sempre tentou também... se tenta fazer isso no interior né, colocar essa referência também para o interior, mas...

AB: É que tem muitas faculdades distintas né, por exemplo, tem outras que o pessoal quer mais a parte administrativa, outras querem um pouco mais de tecnologia né, então é diferente. Não são todas iguais né, todas no padrão daqui né. Cada um tem um incentivo lá no interior, e atrás desse incentivo é que é feita a proposta da Fatec.

PHC: É que você tem toda uma experiência acumulada né?

RCP: Muita história...

PHC: Muito tempo, muita gente que passou por aqui, cada um deixa um pedaço, cada um faz né um pouco mais. Então não dá para comparar com uma Fatec que tem 5 anos de idade, 3 anos de idade, ainda vão ter muito tempo para aprender um monte de coisa aí né?

WP: Mesmo assim esse livro que você está vendo aqui... você não pegou o meu de Matemática Discreta?

PHC: Pegamos, pegamos.

WP: Então, para você ter uma noção, Matemática Discreta, esse aí foi construído por causa das aulas que a gente dava para a turma de processamento de dados, que era chamada lógica né? E essa lógica vem sendo melhorada, arrumada, a gente introduziu mais umas coisas aí e vem desde lá, desde 74, 75. Quem dava lógica aqui era o Santo, era o terrorista da escola.

PHC: (risos)

WP: Ele não abria mão. Os alunos eram muito bons, ele judiava bastante, exigia bastante dos alunos né. Aí apareceu o professor aqui a uns dois anos atrás de Itapetininga que estava fazendo na Unicamp uma pesquisa sobre matemática discreta, e aí como ele dava aula Itapetininga de matemática discreta, ele estava desesperado com o programa, ele não conseguia achar material nada. Ele veio aqui conversar com a gente e aí eu apresentei o material, dei a ele tudo isso, e foi tão engraçado né porque quando ele falou tchau, ele passou a tarde inteira aqui com a gente, quando ele foi embora ele falou assim para mim, hoje foi o dia melhor da minha vida.

(risos de todos)

WP: Porque você me deu o material todo prontinho, tudo resolvido. Você economizou bastante para mim. Eu posso passar para as outras faculdades que têm matemática discreta? Eu falei claro, ele ficou todo "contentinho". Ó, precisa tirar cópia dos exercícios resolvidos de matemática discreta pro Chixaro.

(risos de todos)

RCP: Ele também não entendeu, tá vendo?

(risos de todos)

PHC: Se é resolvido tem êxito né!

Pessoa não identificada: Quantas cópias?

(risos de todos)

WP: Não, não, não, cópia! Uma só.

RCP: Mas mesmo assim, para vocês fazerem esse livro hoje, essas apostilas hoje, vocês se basearam em algum referencial né?

WP: Isso mesmo.

RCP: E vocês assim... lembram algo que mais se concentrou, que mais se...

WP: O que começou, um dos primeiros livros que a gente adotava aqui pra lógica, era um livro do (Mendelssohn). Era um livro de matemática que envolvia Álgebra, e envolvia essa parte de lógica matemática. Depois temos também o livro do (Castuti) que tinha de lógica. Tínhamos um livro, vixe... como é que chama aquele general, eu esqueci o nome do general, tinha um general que escrevia bastante livros.

PHC: Ah é do ITA né? Ele tem alguns livros, ele dava aula no ITA.

WP: Isso exatamente.

PHC: Eu sei quem é.

WP: Também de teoria dos conjuntos e essas coisas. Tá, esqueci o nome do cara. E o material que nós fomos desenvolvendo. Tem coisa aí desenvolvida que foi discussão nossa de matemáticos, como é que a gente resolve isso daqui, descobrimos técnicas assim tipo de desenho na resolução do exercício, colocar umas setas, e desenha, e puxa daqui, e faz ali, para poder resolver os exercícios...

PHC: Vitor (Bichaua).

WP: Também, o Vitor também. Então quer dizer, são coisas muito inéditas na solução desses probleminhas de matemática discreta. Tem muita coisa pessoal da gente aqui. E depois nós fomos construindo exemplos, e mais exemplos, e mais exemplos por causa disso, porque as turmas eram fortes e a gente podia ficar inventando bastante coisa. Daí então surgiu o livro de matemática discreta, uma boa parte dessas aulas que a gente ia dando aí, que depois nós escrevemos e colocamos mais a teoria dos gráficos que estava faltando aí, e assim por diante.

RCP: Vocês falaram bastante do ITA né? Vocês acham que o ITA tem uma certa interferência aqui? Assim no sentido de trabalhar de forma conjunta, do pessoal que veio para cá...

WP: Não, de maneira nenhuma. O que nós tínhamos aqui no começo era professores muito famosos, nós tínhamos um, de Hidráulica, que chamava Kokei Uehara, que é o titular lá da USP de hidráulica, nós tínhamos aqui dando aula o diretor do Detran, dava aula pra gente aqui no começo.

PHC: O Johnson... ,

WP: O Johnson que era da física. Eram só professores de altíssimo nível, era um desfile de gente aqui, porque a escola pagava muito, muito, muito bem para trazer todo esse pessoal. Isso foi o início da faculdade. Depois é claro que não teve aumento, foi mudando um montinho bastante né? Mas depois veio uma reabilitação quando eles fizeram umas mudanças aí de concurso tudo isso, aí estabeleceram que a gente dava duas aulas e ganhava mais uma, foram mudando todo o sistema de pagamento, aí deu uma melhorada bastante. Mas em 74 quando eu vim para cá, foi um colega que me trouxe se chamava Santo, falou vai acabar o seu problema de dinheiro.

RCP: Nossa...

PHC: (risos)

WP: Realmente era um bom salário.

PHC: Era um bom salário... O Luís (ininteligível) se você lembra dele?

WP: (ininteligível) ficou pouco tempo, lembro dele.

AB: O Johnson eu já o conhecia dos livros de física no interior né? E quando eu cheguei aqui e o conheci pessoalmente, ele tinha no porão vamos dizer assim, desse próximo prédio aí, o antigo Paula Souza...

WP: O anfiteatro?

AB: Não, não, aqui embaixo alí, tinha uma salinha onde tinha um assistente que fazia os experimentos, fazia os equipamentos para ele e tudo. E aí eu fui me envolvendo Lógico né porque eu sou...

RCP: Artista...

WP: Ele gosta disso.

AB: Eu entrei lá na coisa e acabei fazendo um gerador, certo? Coloquei o pneu... o pneu não, a roda né tirei o pneu e coloquei a roda da bicicleta do meu filho né, fiz um motorzinho e tudo, e eu girava a roda, girava-o induzindo e conseguia acender uma lampadazinha de LED certo... fazendo isso daí. E aí o que que aconteceu com o meu filho? Acabou fazendo Engenharia Eletrônica na...

PHC: E o Johnson adorava isso né?

AB: Ele adorava realmente... Esse foi o meu norte.

RCP: Eu não sei se eu perguntei para o senhor. Então o senhor fez bacharelado também em matemática?

WP: Bacharelado e licenciatura, isso. Três anos de licenciatura, depois fiz mais um de bacharelado.

RCP: O famoso 3 mais 1.

WP: Isso mesmo.

PHC: E recebemos uma carteirinha do MEC que nos autorizada a dar aula de matemática para 1º e 2º grau e física só para o segundo, e desenho geometria descritiva para o segundo.

WP: Você fez Oswaldo Cruz depois né?

PHC: Isso, com aquela carteirinha do MEC que hoje não existe mais.

WP: Eu tenho.

PHC: Eu tenho, essa eu tenho la em casa.

AB: Eu nem sei se tenho, eles é que tem.

(risos de todos)

WP: Eu guardo todas essas coisas, sou lixeiro.

PHC: Ele vai ter que me dar resolvido.

RCP: Com resolução...

AB: Tá tudo resolvido aí.

PHC: Tá bom vai, eu corrijo então. Se tiver algum problema nas respostas eu te mando de volta.

(risos de todos)

Pessoa não identificada: Esse é o último exemplar.

RCP: O último exemplar.

PHC: O último exemplar.

RCP: O último exemplar, super atualizado.

Pessoa não identificada: Precisa tirar mais cópias do original.

WP: Eu tenho o original em casa.

PHC: Obrigado hein!

RCP: Podia mandar esse material pra Fatec, para todas as Fatecs. Padronizar...

PHC: (risos)

Pessoa não identificada: Se você procurar na internet você deve encontrar isso daí lá.

WP: Mas não está resolvido lá.

Pessoa não identificada: Hã?

RCP: Não está resolvido não né? (risos) A preocupação dele é se está resolvido...

Pessoa não identificada: A resposta... Isso a gente não sabe, mas sabe como as coisas mudam né?

(risos de todos)

RCP: Tem resposta... Bom... professores...

Pessoa não identificada: A apostila você sabe que está no site da Suzana?

WP: Sei, sei. Da Suzana?

Pessoa não identificada: Da Suzana.

WP: Olha então tá caminhando mesmo a coisa.

PHC: Mais alguma coisa Rose?

RCP: Não vocês gostariam de relatar mais alguma coisa, registrar mais alguma coisa?

WP: Gostei de você.

RCP: Eu também professor.

AB: Muito simpática.

RCP: Hoje foi o dia mais feliz da minha vida.

(risos de todos)

RCP: Os 3 aqui! Faltou um né, um mosqueteiro, mas depois se ele puder eu... D'Artagnan, Aramis...

PHC: A gente vai encontrar com ele.

RCP: A gente marca então.

AB: Você fez o CD para ela levar das coisas, não fez?

Pessoa não identificada: Não.

RCP: Fez sim, você falou que...

Pessoa não identificada: O que você fez com aquele que eu entreguei antes?

AB: Aquele tá guardado aquele lá, eu estou falando outros, não tem outros?

Pessoa não identificada: Não. Está tudo na internet.

RCP: Vou desligar, obrigada viu professores de coração agradeço muito.

Descritores

Faculdade de Tecnologia de Ourinhos

Faculdade de Tecnologia de São Paulo

Centro de Memória

Unesp Bauru

História oral na educação

Memórias do trabalho docente

Educação Matemática

Rosemeiry de Castro Prado

Ayrton Barboni

Walter Paulette

Anibal Callado

Thor Johnson

Mecânica

Mecânica de Automóveis

Cursinho

PUC SP

FEI

ITA

Fundação Getúlio Vargas

Thor Jonhson

Faculdade de Santo André

Mackenzie

Escola Politécnica

Área de Matemática

Matemática I

Matemática II

Lógica

Matemática Discreta

Kokei Uehara

Hidrologia

CREA

Engenharia de Execução

Engenharia de Produção

Vestibular

Expansão das Fatecs

MEC

Tecnólogos

Banco Itaú

IBM

Normalista

Engenharia

Matemática

Grupo de História Oral e Educação Matemática

GHOEM

Secretaria de Ciência e Tecnologia

Memórias da educação tecnológica

Ditadura Militar

Greve

Cálculos

Departamento de Ensino Geral

Processamento de Dados

Alunos da Politécnica

Métodos de Cálculo

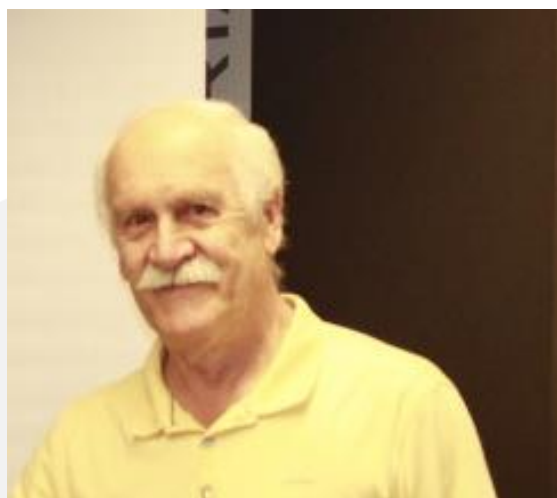
Dados Biográficos dos Entrevistados



Ayrton Barboni, em 2018

Ayrton Barboni Mestre em Matemática pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP (1979-1983). Publicou livros nas áreas do Cálculo Diferencial e Integral e Cálculo e Análise. Atualmente é professor da Fatec São Paulo, Coordenador da área da Matemática, desde o 1º semestre de 2009, e membro do comitê de assessoramento da Faculdade de

Tecnologia de São Paulo. Criou o site <https://sites.google.com/site/ayrtonbarboni/> como ferramenta para o uso em suas disciplinas.



Walter Paulette, em 2018

Walter Paulette Possui graduação em Matemática pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1972), graduação em Licenciatura pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1973), mestrado em Educação Matemática pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1992) e doutorado pela Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho (2003). Trabalhou de 1993 a 2006, na Universidade Paulista (UNIP, São Paulo), e nos períodos de 1974 a 1993 e de 2009 a 2012 na Fatec São Paulo, sendo que foi membro da congregação (1985 a 1986), coordenador das semanas de tecnologia (1985 a 1987), chefe de departamento de Ensino Geral (1986 a 1987), chefe de departamento de Mecânica de precisão (1992 a 1993) da instituição. Atualmente é professor titular da Escola Superior de Administração e Gestão Strong (ESAGS), em Santo André e professor titular da Fatec São Paulo.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Rosemeiry de Castro Prado, em o: 2018

Licenciada em Matemática pela Unesp Bauru (1989) e em Pedagogia pela Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de Jacarezinho (1992). Mestre em Educação Matemática pela PUC-SP (2003). Doutora em Educação para a Ciência - Unesp/Bauru (2018). Pesquisadora do Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM). Professora de Matemática do Ensino Médio da Organização Aparecido Pimentel de Educação e Cultura, desde 1995 (Sistema Anglo de Ensino) e de Cálculo Diferencial e Integral da Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo (Fatec Ourinhos), desde 2008. Docente do Banco de Avaliadores do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes - BASis). Coordenadora do Curso Ciência de Dados da Fatec Ourinhos/SP.

Anexos: (Documentos sigilosos e não aberto online ao público):

Carta de Cessão de Ayrton Barboni

Carta de Cessão de Walter Paulette

Termo de Autorização para uso de Imagem de Rosemeiry de Castro Prado

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Rosemeiry de Castro Prado